
A POÉTICA DE PENSAR E AGIR: REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Jéssica Kottwitz¹

Resumo: A palavra “construir” pode ter como sinônimos os termos criar, fabricar e produzir. Pensar sobre a finalidade da construção implica supor que, enquanto o homem é artífice da matéria, ele sonha essa matéria e a modela, a destrói e a reconstrói, na medida em que torna visível o seu desejo de fazer. O filósofo Gaston Bachelard (1989; 1997), ao tratar sobre a imaginação material, permite, também, que o homem devaneie sobre seu próprio fazer, tornando sua ação poética, como a descreve Valéry (1999). Tal dimensão se dá, não somente na natureza das coisas, mas inclusive e principalmente dentro de sua própria noção de sujeito que faz, que age e que se forma em sua experiência de existir. Por isso, a cada construção que se inaugura, podemos pensar nessa dinâmica de construção de si, que se modela e se altera de acordo com cada nova descoberta. Sendo assim, o objetivo deste artigo é fazer uma reflexão sobre a construção e suas significações no cotidiano, através de uma abordagem poética. Como metodologia, será feita uma análise de dois poemas de um autor brasileiro consagrado, falecido há exatos 40 anos: Vinicius de Moraes. Com essa dinâmica, é possível perceber o quanto as palavras de um poeta podem construir sentidos em nossas vidas, principalmente em tempos que exigem reinvenção da maneira como agimos no mundo.

Palavras-chave: Imaginação material; Leitura de poemas; Poética; Sentidos da construção.

THE POETICS OF THINKING AND ACTING: REFLECTIONS ON THE CONSTRUCTION OF MEANINGS

Abstract: The word "build" can have as synonyms the terms create, manufacture and produce. Thinking about the purpose of construction implies assuming that, while man is the artisan of matter, he dreams of this matter and models it, destroys it and rebuilds it, to the extent that it makes visible his desire to do it. The philosopher Gaston Bachelard (1989; 1997), when dealing with material imagination, also allows man to day off about his own doing, making his action poetic, as Valéry (1999) describes it. This dimension occurs not only in the nature of things, but also and mainly within his own notion of subject who makes, who acts and who is formed in his experience of existing. Therefore, with each construction that is inaugurated, we can think of this dynamics of self-construction, which is modeled and changed according to each new discovery. Thus, the aim of this article is to reflect on the construction and its meanings in everyday life, through a poetic approach. As a methodology, an analysis of two poems by a consecrated Brazilian author, who died exactly 40 years ago: Vinicius de Moraes, will be made. With this dynamic, it is possible to realize how much the words of a poet can build meanings in our lives, especially in times that require reinvention of the way we act in the world.

Keywords: Material imagination; Reading poems; Poetics; Construction directions.

¹ Mestre em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e formada em Letras - Português pela mesma universidade. E-mail: jessicakottwitz@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2973-5046>

1 INTRODUÇÃO

A palavra *construção*, ou sua forma verbal *construir*, pode significar inúmeras ações do cotidiano, como, por exemplo, o ato de pensar algum tipo de projeto, a arte de fabricar algum jogo, a tarefa de produzir um texto ou criar um produto inovador. Além dessas possibilidades, é usual pensar a construção como é percebida pela engenharia civil e a arquitetura, através de seus planejamentos urbanos, que possibilitam a harmonização das casas e edifícios com os espaços da cidade. Também é possível refletir sobre como os cenários do mundo atual, como a pandemia, podem ser readaptados às necessidades da população, entre elas, a inevitável ruptura com ambientes de socialização das cidades.

Cabe, aqui, o questionamento sobre as incertezas que povoam o imaginário e de que forma as alterações no modo de pensar e conceber soluções para os problemas, podem repercutir na construção. Inúmeras são as formas de se pensar as palavras e entender que a construção pode acontecer, também, com a nossa própria formação, enquanto indivíduos, pensando de um ponto de vista do poético, que está vinculado ao que sonhamos fazer enquanto seres humanos que pensam e agem individual e coletivamente. A ação de construir tem, assim, um valor material que se estende na medida em que pode ser sonhado e sentido nas suas razões de existir.

Dialogando com filósofos como Gaston Bachelard, Paul Valéry e Octavio Paz são constituídas algumas considerações acerca da ação de construir, ampliada pela imaginação material, e com a demonstração de dois poemas do escritor Vinicius de Moraes busca-se discutir acerca da formação do poético com as palavras para si e para o mundo.

2 PARA CONSTRUIR A MATÉRIA

Seja na construção de um artigo, seja na construção de um poema, de uma análise, de uma casa ou de um projeto, há sempre algo que vem antes, uma referência para começar aquilo que se pretende realizar. Paul Valéry entende que a ação que faz é mais importante do que a coisa feita (VALÉRY, 1999, p. 181), por isso, pensar no movimento do pensamento como uma das formas de existência do homem revela as suas obras do espírito, que estão sempre surgindo e se aprimorando.

Gaston Bachelard, filósofo francês e estudioso da imaginação criadora, entendeu que há diferença entre a ação de imaginar a matéria e a ação de imaginar as formas, sendo a primeira a maneira mais eficaz de alcançar o devaneio. Para o pensador,

É necessário que uma causa sentimental, uma causa do coração se torne uma causa formal para que a obra tenha a variedade do verbo, a vida cambiante da luz. Mas, além das imagens da forma, tantas vezes lembradas pelos psicólogos da imaginação, há imagens da matéria, imagens *diretas* da *matéria*. A vista lhes dá nome, mas a mão as conhece. (BACHELARD, 1997, p. 1-2)

As imagens provenientes da matéria, muitas vezes, não podem ser vistas, mas são sentidas, tocadas, ouvidas, revelando-se em um valor. A imaginação sentimental surge, então, como um convite à criação a partir da matéria, antes de ela transformar-se nas formas como as conhecemos. A construção pode ser pensada no viés de um fazer que, mesmo feita, pode continuar a ser trabalhada, melhorada, infinitamente:

Seria um nunca acabar se quiséssemos seguir os devaneios do *homo faber* que se abandona à imaginação das matérias. Nunca uma matéria lhe parecerá suficientemente trabalhada, porque ele nunca acaba de sonhá-la. As formas se completam. As matérias, nunca. A matéria é o esquema dos sonhos indefinidos. (BACHELARD, 1997, p. 118; grifo do autor)

O sonho, neste contexto, equivale ao devaneio, à imaginação criadora, pois, na medida em que as mãos do homem se encontram à ação de imaginar, a matéria continua a ser aquilo que é, apesar de sua forma: “ser ‘outra coisa’ quer dizer ser a ‘mesma coisa’: a coisa mesma, aquilo que real e primitivamente são” (PAZ, 1982, p. 26). Contudo, imaginar, seja a matéria ou sua forma, constitui uma perspectiva que eleva a alma do homem, encaminhando-o à realização de suas vontades:

Há obras em que as duas forças imaginantes atuam juntas. É mesmo impossível separá-las completamente. O devaneio mais móvel guarda uma germinação. Em compensação, toda obra poética que mergulha muito profundamente no germe do ser para encontrar a sólida constância e a bela monotonia da matéria deve florescer. (BACHELARD, 1997, p. 2)

As obras que o homem foi capaz de criar constituem uma de suas maiores riquezas. Essas obras se encontram nos mais variados setores. Cabe-nos pensar que a casa pode ter sido uma das primeiras invenções, pois a necessidade de abrigo impôs ao homem a tarefa de resolver um problema que se tornaria um dos espaços mais importantes para as pessoas até hoje: “a transposição para o humano ocorre de imediato, assim que encaramos a casa como um espaço de conforto e intimidade, como um espaço que deve condensar e defender a intimidade” (BACHELARD, 1989, p. 64). A casa, sinônimo de proteção, tem grande valia quando, pensando em sua origem, encontramos a sua razão de ser:

Nossa casa, captada em seu poder de onirismo, é um ninho no mundo. Nela viveremos com uma confiança nativa se de fato participarmos, em nossos sonhos, da segurança da primeira morada. [...] A vida começa para o homem com um sono tranquilo e todos os ovos dos ninhos são bem chocados. A experiência da hostilidade do mundo – e conseqüentemente nossos sonhos de defesa e de agressividade – são posteriores. Em seu germe, toda vida é bem-estar. O ser começa pelo bem-estar. (BACHELARD, 1989, p. 115-116)

O sentimento de segurança e tranquilidade evocados pela primeira casa é como uma espécie de abertura para o ser humano confiar no mundo em que vive, já que a saída dessa casa pode revelar

uma espécie de confronto com o mundo, muitas vezes acompanhado de angústias, medos e frustrações, já que, como o próprio filósofo revela, “a seriedade da vida está no exterior” (BACHELARD, 1989, p. 148). Tomando essa seriedade como medida, há necessidade de habitar os espaços que amamos como forma de refúgio ao mundo lá fora.

Trabalhar a matéria e saber que é possível morar na própria construção equivale ao devaneio de habitar um ninho, uma casa grande, uma casa pequena, casas de diferentes perspectivas e modelos. Sendo que a “a miniatura é uma das moradas da grandeza” (BACHELARD, 1989, p. 164), buscamos no pequeno a grandiosidade das coisas do mundo. A casa pequena pode ser enorme quando esse espaço possui um valor de habitação, ao contrário de uma grande construção, que pode ser minúscula, dependendo da perspectiva tomada por aquele que vê, que julga através do seu conhecimento de mundo e da sua intimidade com aquilo que observa.

Imaginar-se vivendo em uma casa que não foi a nossa ou na qual já moramos uma vez pode suscitar muitos devaneios relacionados à intimidade: “Toda grande imagem simples revela um estado de alma. A casa, mais ainda que a paisagem, é ‘um estado de alma’. Mesmo reproduzida em seu aspecto exterior, ela fala de uma intimidade” (BACHELARD, 1989, p. 84). Adiante, quando analisarmos os poemas, ficará mais clara essa forma de perceber os espaços que nos são tão caros.

Por isso, a função de construir e de habitar a casa pode ser fonte de puro valor e se relaciona aos devaneios do sonhador de moradas, que frequenta o ambiente e nele se torna mais forte e pronto para confrontar as materialidades do mundo: “Evocando as lembranças da casa, adicionamos valores de sonho. Nunca somos verdadeiros historiadores; somos sempre um pouco poetas [...]” (BACHELARD, 1989, p. 25-26), o que pode acontecer quando nos encantamos com aquilo que nosso semelhante ou nós mesmos somos capazes de criar.

3 A IMAGINAÇÃO COMO PROJETO

Como dito anteriormente, busca-se, como objetivo deste artigo, refletir sobre a construção e suas significações no cotidiano, através de uma abordagem poética. Sendo assim, a análise proposta utiliza-se de dois poemas de um autor brasileiro consagrado, falecido há exatos 40 anos: Vinicius de Moraes. A escolha dos poemas se deu pela forma como o escritor utilizou-se dos sentidos de construir para cada poesia. Deste modo, após a apresentação integral de cada texto, acontece uma discussão, que faz referência ao embasamento já apresentado.

O primeiro poema, “O operário em construção”, é de cunho social e as inúmeras metáforas são uma forma de trazer ao texto a visão de um operário sobre sua própria função, a de construir. O segundo poema escolhido é “A casa”, conhecido por sua versão musicada e bem recebido principalmente pelo público infantojuvenil.

Para iniciar este diálogo, o primeiro poema a ser analisado é “O operário em construção”, escrito em 1959, por Vinicius de Moraes:

O operário em construção

Era ele que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
Ele subia com as casas
Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia, por exemplo
Que a casa de um homem é um templo
Um templo sem religião
Como tampouco sabia
Que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.

De fato, como podia
Um operário em construção
Compreender por que um tijolo
Valia mais do que um pão?
Tijolos ele empilhava
Com pá, cimento e esquadria
Quanto ao pão, ele o comia...
Mas fosse comer tijolo!
E assim o operário ia
Com suor e com cimento
Erguendo uma casa aqui
Adiante um apartamento
Além uma igreja, à frente
Um quartel e uma prisão:
Prisão de que sofreria
Não fosse, eventualmente
Um operário em construção.

Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
– Garrafa, prato, facão –
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário
Um operário em construção
Olhou em torno: gamela
Banco, enxerga, caldeirão
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era ele quem o fazia
Ele, um humilde operário
Um operário que sabia

Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento
Não sabereis nunca o quanto
Aquele humilde operário
Soube naquele momento!
Naquela casa vazia
Que ele mesmo levantara
Um mundo novo nascia
De que sequer suspeitava.
O operário emocionado
Olhou sua própria mão
Sua rude mão de operário
De operário em construção
E olhando bem para ela
Teve um segundo a impressão
De que não havia no mundo
Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro da compreensão
Desse instante solitário
Que, tal sua construção
Cresceu também o operário.
Cresceu em alto e profundo
Em largo e no coração
E como tudo que cresce
Ele não cresceu em vão
Pois além do que sabia
– Exercer a profissão –
O operário adquiriu
Uma nova dimensão:
A dimensão da poesia.

E um fato novo se viu
Que a todos admirava:
O que o operário dizia
Outro operário escutava.

E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que sempre dizia sim
Começou a dizer não.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:

Notou que sua marmita
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão
Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão
Que seus dois pés andarilhos
Eram as rodas do patrão
Que a dureza do seu dia
Era a noite do patrão
Que sua imensa fadiga
Era amiga do patrão.

E o operário disse: Não!
E o operário fez-se forte
Na sua resolução.

Como era de se esperar
As bocas da delação
Começaram a dizer coisas
Aos ouvidos do patrão.
Mas o patrão não queria
Nenhuma preocupação
– “Convençam-no” do contrário –
Disse ele sobre o operário
E ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário
Ao sair da construção
Viu-se súbito cercado
Dos homens da delação
E sofreu, por destinado
Sua primeira agressão.
Teve seu rosto cuspidado
Teve seu braço quebrado
Mas quando foi perguntado
O operário disse: Não!

Em vão sofrera o operário
Sua primeira agressão
Muitas outras se seguiram
Muitas outras seguirão.
Porém, por imprescindível
Ao edifício em construção
Seu trabalho prosseguia
E todo o seu sofrimento
Misturava-se ao cimento
Da construção que crescia.

Sentindo que a violência
Não dobraria o operário
Um dia tentou o patrão
Dobrá-lo de modo vário.
De sorte que o foi levando
Ao alto da construção
E num momento de tempo
Mostrou-lhe toda a região
E apontando-a ao operário
Fez-lhe esta declaração:
– Dar-te-ei todo esse poder
E a sua satisfação
Porque a mim me foi entregue
E dou-o a quem bem quiser.
Dou-te tempo de lazer
Dou-te tempo de mulher.
Portanto, tudo o que vês
Será teu se me adorares
E, ainda mais, se abandonares
O que te faz dizer não.

Disse, e fitou o operário
Que olhava e que refletia
Mas o que via o operário
O patrão nunca veria.
O operário via as casas
E dentro das estruturas
Via coisas, objetos
Produtos, manufaturas.
Via tudo o que fazia

O lucro do seu patrão
E em cada coisa que via
Misteriosamente havia
A marca de sua mão.
E o operário disse: Não!

– Loucura! – gritou o patrão
Não vês o que te dou eu?
– Mentira! – disse o operário
Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fez-se
Dentro do seu coração
Um silêncio de martírios
Um silêncio de prisão.
Um silêncio povoado
De pedidos de perdão
Um silêncio apavorado
Com o medo em solidão.

Um silêncio de torturas
E gritos de maldição
Um silêncio de fraturas
A se arrastarem no chão.
E o operário ouviu a voz
De todos os seus irmãos
Os seus irmãos que morreram
Por outros que viverão.
Uma esperança sincera
Cresceu no seu coração
E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção. (MORAES, 1959)

Levando-se em conta a dimensão poética da construção do poema pelo eu lírico, encontram-se vários elementos que comprovam o interessante desfecho que se apresenta na medida em que a leitura das estrofes avança. O próprio título do poema já traz a noção de um operário que não constrói somente o mundo ao seu redor, mas que vai se dando conta da ampliação de si mesmo e da grandiosidade do seu trabalho de maneira poética e crítica, quando já não aceita sua condição de operário, ou seja, é um operário em construção de si.

Ainda na primeira estrofe, os versos “Como um pássaro sem asas/ Ele subia com as casas/ Que lhe brotavam da mão.” refletem a condição de artífice do operário, que, sem muitas perspectivas, alcançava as alturas com o suor do seu trabalho. O eu lírico arquiteta essa condição do trabalhador de uma forma poética ao anunciar que “Mas ele desconhecia/ Esse fato extraordinário:/ Que o operário faz a coisa/ E a coisa faz o operário.”, demonstrando, com essas palavras, que a ação que faz não só é mais importante que a coisa feita, mas que essa ação faz o operário ser e fazer mais, de maneira reflexiva.

Na sequência do poema, o operário segue seu fluxo de consciência, quando se depara com as suas mãos e percebe que são elas que tornam possível toda a sua obra: “O operário emocionado/Olhou sua própria mão/[...]E olhando bem para ela/Teve um segundo a impressão/De que não havia no mundo/Coisa que fosse mais bela.” Essa constatação revela a descoberta que o trabalhador fez sobre si mesmo, sua ação iluminada pela sua capacidade de construir aquilo que sua mente pensa que é capaz.

Encontrando tal sentido, o eu lírico encontra a dimensão do poético que há nesse fazer: “O operário adquiriu/Uma nova dimensão:/A dimensão da poesia.”, dimensão que causou a mudança de atitude que trouxe outras possibilidades de entender e viver no mundo ao operário. Gaston Bachelard (1989, p. 74) parece que conseguiu descrever o sentimento do operário, ao afirmar que “a casa do futuro é mais sólida, mais clara, mais vasta que todas as casas do passado. No oposto da casa natal trabalha a imagem da *casa sonhada*. No entardecer da vida, com uma coragem invencível, dizemos ainda: o que ainda não fizemos será feito. Construiremos a casa”.

Mesmo diante da assombrosa reação de seus superiores, o operário resistiu, mesmo sabendo que não seria fácil conviver com sua própria verdade, “E todo o seu sofrimento/Misturava-se ao cimento/Da construção que crescia.”. Seu patrão, percebendo a recusa do funcionário, tenta dar-lhe a formosura de seu poder, porém, há no subordinado a visão que o patrão jamais seria capaz de entender, como aparece nos versos da décima quarta estrofe: “O operário via as casas/[...]Via tudo o que fazia/O lucro do seu patrão/E em cada coisa que via/Misteriosamente havia/A marca de sua mão.”. Da discussão com o patrão, fez o silêncio, o vácuo, o eco de tempos passados, de familiares que se foram.

A sensação que prende o leitor, ao final do poema, tem seu lado misterioso de luta, dor, sofrimento e superação, quando “Uma esperança sincera/Cresceu no seu coração/E dentro da tarde mansa/Agigantou-se a razão/De um homem pobre e esquecido/Razão porém que fizera/Em operário construído/O operário em construção.”. Os versos finais são carregados de uma troca contínua entre aquele que faz e o que é feito, ou seja, o operário se constrói na medida em que constrói seus sonhos, suas habilidades refletem quem ele é. Um operário em construção constrói a si próprio, se espelha no que faz para continuar a realizar um trabalho bem feito, assim como um artesão ou um poeta.

Na mesma linha do poema anterior, levando-se em conta os atos que podem estar envolvidos em um processo de construção, o segundo texto analisado é “A casa”, de 1970, também de Vinicius de Moraes, que foi musicado em parceria com Toquinho:

A casa

Era uma casa

Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque a casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali
Mas era feita
Com muito esmero
Na Rua dos Bobos
Número Zero. (MORAES, 1970)

Muito conhecido pelo público infantojuvenil, esse poema musicado pode suscitar inúmeras interpretações nos leitores/ouvintes. Muitas vezes, toma-se como ponto de partida a casa como sinônimo de residência ou moradia e, diante das características apresentadas nos versos, tem-se a impressão de ser impossível, nonsense ou utópico existir uma construção com tais características, ainda mais em um endereço estranho como a “Rua dos Bobos, Número Zero”. Porém, ao imaginar possíveis soluções para esse instigante “enigma”, a casa do poema pode ser a primeira casa de todo ser humano, uma casa escura, com nenhuma das estruturas da casa construída pelo operário do poema anterior, a não ser pela sua capacidade de proteger e acolher o ser humano.

A casa, neste contexto, pode ser a caverna dos primatas, mas também pode ser a casa que fica na barriga das mães, o primeiro abrigo dos bebês. Os versos, lidos na perspectiva de uma criança, são dotados de uma peculiar inocência que revela o conceito de moradia do eu lírico, que acha uma casa engraçada aquela que não se encaixa no modelo tradicional de habitação.

Outra possível solução para as interrogações que o poema suscita, pode ser a de um primeiro esboço de casa, como se o eu lírico estivesse a criar um modelo de casa ainda impensável por qualquer pessoa, sendo, por isso, “feita com muito esmero”, em outras palavras, com muita perfeição e dedicação. Conforme Bachelard (1989, p. 63), “a casa é, a primeira vista, um objeto rigidamente geométrico. Somos tentados a analisá-la racionalmente. Sua realidade inicial é visível e tangível”.

Tanto a casa da Rua dos Bobos, como a casa que o operário construía são exemplos de um fazer que abrange o sentido do poético, seja pela persistência do construtor ou pela audácia de pensar diferente daquele que sabe inventar uma casa que “não tinha nada”. Ambas poesias possuem semelhanças quanto à temática da construção, principalmente àquela que faz referência ao aperfeiçoamento de si mesmo, de construir-se ao construir, de descobrir-se ao descobrir, de viver ao

viver. Mesmo sendo poemas distintos quanto à forma e ao conteúdo, eles têm o ponto de encontro nessa intersecção que há no pensamento do eu lírico ao conhecer aquilo que está sob seus olhos, aquilo que é capaz de fazer significar.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao se analisar as duas construções poéticas, encontra-se, no primeiro caso, que foi o poema “O operário em construção”, a busca pelo autoconhecimento e pelo reconhecimento de quem se é e do que faz. A relação do construído com aquele que o fez, muitas vezes, não tem uma relação direta, pois, quando a construção está terminada, no exemplo do texto, ela não pertence, de fato, a quem a fez. No poema, a revolta acontece quando o operário tem consciência de sua condição e, ao alcançar a dimensão da poesia, consegue poetizar sua existência, tornando-se dono de sua própria vida, mesmo que de maneira figurativa.

Já no segundo caso, o poema “A casa” apresenta uma construção pouco comum, se levado em conta as dimensões de uma habitação usualmente conhecida. A tal casa pode parecer um lugar inexistente, porém, há, como dissemos anteriormente, a possibilidade desta ser uma casa primitiva, diferenciada, lembrada e descrita na sua comparação com uma “casa real”.

A distinção entre os poemas está na voz do eu lírico, que apresenta as angústias e sentimentos de um operário e, no outro conjunto de versos, mostra a perspectiva de uma casa bem diferente, sem a preocupação de quem a fez. A semelhança que existe entre as poesias reside na beleza da linguagem, na potência que os versos ensejam no leitor, seja no momento de acompanhar a realidade de um operário, seja no momento de devanear sobre uma casa nada convencional. O poético reside nessas entrelinhas, nas ressonâncias que cada um é capaz de construir a partir de sua própria leitura.

As palavras possibilitam a repercussão de suas significações, a mudança de pontos de vista, o olhar diferenciado para o que nos é familiar. O poético reside nessa alteração de perspectiva, de fazer e refletir de outro jeito. Em tempos em que precisamos reinventar nossas vidas, pensar filosoficamente ou mesmo “fora da caixa” pode ser uma solução e não somente uma das maneiras de enfrentar os obstáculos do dia a dia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, pudemos refletir, filosofar, pensar diferente acerca dos discursos, das palavras e das situações e cenas cotidianas, muitas vezes, ignoradas pela liquidez das horas. Através das análises dos poemas, pudemos permitir a leitura vertical de textos, uma leitura que ultrapassa a compreensão e atinge as profundezas da alma. Sem centrar a preocupação em entender a intenção dos poemas, conseguimos “brincar de imaginar”, de fazer suposições, de criar significação e

sentidos, sentidos que não sejam comprobatórios, mas que demonstram que não há somente uma resposta certa para as várias perguntas que se constituem diariamente na mente de crianças, jovens, adultos, estudantes, professores e pesquisadores.

Na poética reflexão acerca das construções que fazem o ser humano, compreende-se que há a certeza de que a poesia colabora na construção de si e do mundo, quando, alterando os modos de dizer, é possível criticar, embelezar e comparar as situações e construções do mundo, que foram, em sua grande maioria, arquitetadas pelos humanos, através de invenções e experiências diversas.

Octavio Paz (1982, p. 187) proferiu que “lançado para o nada, o homem se cria diante dele”. O nada, nesse caso, é a possibilidade de abraçar a ação do homem no mundo, na tentativa de transformá-lo em algo no qual possa deixar a sua marca ou por ela ser transformado. A construção acontece, por isso, quando acontece a união pela linguagem, pelas maneiras de expressarmos aquilo que é único a todos:

O homem quer se identificar com suas criações, se reunir consigo mesmo e com seus semelhantes: ser o mundo sem cessar de ser ele mesmo. Nossa poesia é consciência da separação e tentativa de reunir o que foi separado. No poema, o ser e o desejo de ser pactuam por um instante, como o fruto e os lábios. Poesia, momentânea reconciliação: ontem, hoje, amanhã; aqui e ali; tu, eu, ele, nós. Tudo está presente: será presença. (PAZ, 1982, p. 348)

Ao concluir o estudo, há a percepção de que as palavras não deixam de transmitir a grandeza de suas significações. Gaston Bachelard (1989, p. 208) já dizia que “todo sentimento que nos faz crescer planifica a nossa situação no mundo”, situação essa que permite ao ser humano imaginar, pensar e criar na matéria as formas do mundo.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MORAES, Vinicius. **A casa**. 1970. Disponível em: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/casa>. Acesso em: 06 jul. 2020.

MORAES, Vinicius. **O operário em construção**. 1959. Disponível em: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/o-operario-em-construcao>. Acesso em: 06 jul. 2020.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

VALÉRY, Paul. Primeira aula do curso de Poética. In: **Variedades**. Tradução Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1999.

*Submetido em: 21 de julho de 2020.
Aprovado em: 03 de novembro de 2020.*